



HOLOS

ISSN: 1518-1634

holos@ifrn.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e

Tecnologia do Rio Grande do Norte

Brasil

de Oliveira e Silva, Rubens; Pereira Capistrano, Rodrigo; Gonçalves, Francisco Ednardo
DINAMIZAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA
HOLOS, vol. 5, 2010, pp. 175-182

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Natal, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=481549223020>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

DINAMIZAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Rubens de Oliveira e Silva

Núcleo de Pesquisas e Estudos Geográficos (NUPEG), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Natal-Central, Bolsista da Pesquisa, graduando do curso de Licenciatura em Geografia, 4º período.

rubens_geomin_cef@yahoo.com.br

Rodrigo Pereira Capistrano

Núcleo de Pesquisas e Estudos Geográficos (NUPEG), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Natal-Central, Bolsista auxiliar, graduando do curso de Licenciatura em Geografia, 8º período.

rodrigoplebeu@hotmail.com

Francisco Ednardo Gonçalves

Núcleo de Pesquisas e Estudos Geográficos (NUPEG), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Natal-Central, Mestre em Geografia pela UFRN e Coordenador da Pesquisa.

ednardo.goncalves@ifrn.edu.br

RESUMO

Na atualidade, ainda notam-se muitas dificuldades em relação à forma como devem ser ministrados os conteúdos referentes às disciplinas integrantes do currículo escolar da Educação Básica. O ensino de Geografia para alunos do nível fundamental e médio, das instituições públicas e privadas, não se excetua dessas dificuldades. A partir dessa constatação, torna-se imperativa a necessidade de se intensificar pesquisas e estudos na área de ensino de Geografia, com o intuito de desenvolver alternativas que possam clarificar, para o corpo docente, os reais objetivos do ensino da disciplina em questão e os meios para atingir tais objetivos. Assim sendo, propõe-se no presente artigo a apresentação de algumas práticas pedagógicas que podem dinamizar o ensino de Geografia e tornar o processo de ensino-aprendizagem mais prazeroso e envolvente, sem perder de vista os objetivos propostos pela disciplina. As técnicas de ensino aqui sugeridas são resultado do levantamento bibliográfico desenvolvido na pesquisa em curso que está sendo realizada junto ao Núcleo de Pesquisas e Estudos Geográficos (NUPEG), financiado pelo Departamento de Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Geografia, Práticas Pedagógicas, Técnicas de Ensino, Dinamização do Ensino.

IMPROVEMENT OF THE PEDAGOGICAL PRACTICAL IN THE GEOGRAPHY EDUCATION

ABSTRACT

In the present time, still many difficulties in relation to the form are noticed as the referring contents must be given discipline to them integrant of the pertaining to school resume of the Basic Education. The education of Geography for pupils of the basic and average level, of the public and private institutions, is not excepted of these difficulties. From this verification, one becomes imperative the necessity of if intensifying research and studies in the area of

education of Geography, with intention to develop alternatives that can clarify, for the faculty, the objectives real of the education of discipline in question and the half ones to reach such objectives. Thus being, the presentation of some practical pedagogical that can to improve the education of Geography and become the process of more pleasant and involving teach-learning, without losing of sight the objectives considered is considered in the present article for disciplines. The techniques of education suggested here are resulted of the developed bibliographical survey in the research in course that is being carried through next to the Núcleo de Pesquisas e Estudos Geográficos (NUPEG), financed for the Department of Research of the Federal Institute of Education, Science and Technology of the Rio Grande do Norte.

KEY-WORDS: Education of Geography, Practical Pedagogical, Techniques of Education, Improvement of Education.

INTRODUÇÃO

No contexto atual, é cada vez mais perceptível a ineficácia de parcela significativa das técnicas de ensino utilizadas por professores do ensino fundamental e médio. Muito dessa patente ineficácia vem de uma série de fatores que remontam, muitas vezes, a um processo de estagnação e de não-renovação das práticas docentes aplicadas no âmbito escolar. Inserido nessa lógica, o ensino da disciplina de Geografia na Educação Básica, em grande parte dos casos, não consegue escapar desse processo. Assim, há uma necessidade premente de se elaborar alternativas que vão de encontro a esse processo de cristalização de práticas de ensino que não atendem mais às expectativas demandadas pelos discentes e pelo contexto histórico-cultural dos nossos dias. Assim, é imprescindível um movimento de renovação das práticas de ensino adotadas pelos professores de Geografia.

Especificamente no campo da Geografia escolar, existem diversas dificuldades quando se fala na necessidade de renovação dos instrumentos pedagógicos utilizados pelos professores em sala de aula. Esses obstáculos são oriundos de diferentes vetores. Entre os variados fatores que dificultam um processo mais intensificado de inovação no ensino da disciplina de Geografia para a Educação Básica podemos elencar alguns considerados basilares: a permanência de uma didática conteudista baseada tão-só no livro didático; os baixos salários como elemento desmotivador; comodismo do corpo docente; e a perpetuação de uma Geografia tradicional ligada à quantificação, à memorização e à descrição.

O primeiro elemento elencado diz respeito a uma dinâmica de ensino pautada na idéia de que o aluno é um mero receptor de informações. Alicerçado em um modelo tradicional de prática pedagógica, o professor considera o aluno como aquele que nada sabe. Seguindo esse raciocínio, o docente passa a preocupar-se apenas em transmitir uma grande carga de conteúdo, conteúdo esse extraído do livro didático. Temos, então, falando melhor, aquilo que Paulo Freire (1987) denominou de Educação Bancária, que seria uma prática em que professor se vê como o dono do conhecimento, em detrimento do aluno, visto como aquele que nada sabe. Nesse caso, o conhecimento não é um processo de construção, partindo de uma perspectiva reflexiva e dialógica, mas um mero repasse de informações muitas vezes desconexas. No caso do ensino de geografia, essa prática aparece de forma bastante arraigada, sobretudo pelo fato da geografia lidar, em parte, com informações descritivas.

No Brasil, a questão dos baixos salários da classe docente contribui também, em certa medida, para o retardamento da inserção de práticas de ensino que dinamizem o processo de ensino-aprendizagem. Isso porque, devido aos salários irrisórios, muitas vezes os professores necessitam atuar em outras ocupações profissionais para complementar sua renda. Além da vida profissional dupla, o que leva a um encurtamento do tempo para os docentes se dedicarem a otimizar suas aulas, existe a questão da defasagem infra-estrutural encontrada, sobretudo, nas escolas públicas do país, o que leva professores a se desmotivarem e a não sentirem prazer na sua vida docente.

Por outro lado, existe a tendência ao comodismo por parte de alguns professores de Geografia. Por mais que existam condições mínimas para uma incursão no mundo das técnicas de ensino dinamizadoras, tanto salariais, quanto infra-estruturais, esses docentes preferem o conforto da repetição de metodologias as quais eles dominam, embora tais metodologias não atinjam os objetivos primordiais do ensino de geografia. Como diz Kaercher (2004), existem professores de Geografia que permanecem com “certas práticas que

sobrevivem mais por inércia e comodismo do que por funcionarem efetivamente ou elevarem a capacidade reflexiva de nossos alunos e da disciplina”.

Por último, existe um obstáculo ligado a raiz primitiva do ensino de Geografia no Brasil. Ainda hoje, presencia-se uma geografia escolar ligada à mera descrição, à memorização, à quantificação, à clássica “decoreba”. Não defendemos que esses três primeiros elementos não são partes necessárias ao processo de construção de conhecimento geográfico, o que defendemos é que esse processo não deve ficar restrito a isso, como fazem muitos professores. Assim, têm-se uma idéia simplista do que é a Geografia e de quais são as suas finalidades. A Geografia tem de despertar os alunos para entenderem a relação Homem/Natureza e seus desdobramentos na dinâmica espacial, da qual eles, alunos, são agentes ativos. A Geografia não deve propiciar aos discentes somente um amontoado de dados isolados, nomes de rios e de capitais de estados.

Diante disso, nota-se o grande desafio para os professores da disciplina em questão dos ensinos fundamental e médio no sentido de procurar inserir novas práticas de ensino, práticas essas mais envolventes e mais dinamizadoras do processo de ensino-aprendizagem. Enquanto que nas universidades o desenvolvimento do conhecimento geográfico cresce de maneira fabulosa (tanto em produção literária quanto em fundamentação epistemológica), no ensino básico, majoritariamente, é aplicada uma idéia de conhecimento estagnada e desatualizada, construída em contextos e situações antecedentes, que não atende às necessidades atuais dos alunos explicando as transformações que ocorreram na relação homem-natureza. Desse modo, algumas metodologias utilizadas precisam ser revistas e atualizadas.

OBJETIVOS DO ENSINO DE GEOGRAFIA

Os objetivos primordiais do ensino de Geografia na Educação Básica no contexto hodierno se ligam, necessariamente, a um propósito basilar. Esse propósito se refere, sobretudo, ao desenvolvimento da consciência espacial dos discentes, ou seja, da percepção desses alunos em relação aos processos que originam a produção/reprodução do espaço geográfico.

Assim sendo, o ensino de Geografia na Educação Básica não pode mais ficar restrito à busca tão-só da memorização de altitudes, dos nomes de rios, de tipos de relevo, de climas, de formas de vegetação: um mecanismo arcaico ainda usado, coadunado a métodos e a perspectivas educacionais tradicionais, segundo concepções positivistas já categoricamente invalidadas.

O paradigma a ser vislumbrado pelos professores de Geografia deve ensejar aos alunos a compreensão do espaço produzido pela sociedade, da qual eles são participantes. A geografia escolar deve ser trabalhada de forma a instrumentalizar os discentes para lidarem com a espacialidade e com suas múltiplas conexões. A partir disso, como diz Castrogiovanni (2007, p.43), poderá ficar mais fácil para o sujeito-aluno “reconhecer as contradições e os conflitos sociais e avaliar constantemente as formas de apropriação e de organização estabelecidas pelos grupos sociais” em um dado espaço, assim, buscando mecanismos de intervenção quando desejar.

No tocante à efetivação dessa idéia na prática de ensino do professor de Geografia, muito se menciona, nos trabalhos relativos ao aprimoramento da dinâmica pedagógica na sala de aula, a necessidade de se trazer para as discussões do conteúdo geográfico feitas pelo docente o conhecimento prévio e não-sistematizado dos alunos. O professor precisa fazer com que aluno perceba a funcionalidade daquilo que ele estuda, e, percebendo que a Geografia está presente na sua vida cotidiana, é mais fácil notar essa funcionalidade. Como sugere Almeida,

partindo do conhecimento adquirido em forma da observação do meio circundante, conhecimento ainda não sistematizado, o aluno deve ter oportunidade de contribuir para a elaboração de um arcabouço formado por idéias, conceitos e categorias que lhe permitam interpretar, de forma cada vez mais profunda, a realidade que o cerca (ALMEIDA, 1991, p. 11).

No entanto, é necessário cuidado na utilização desse conhecimento prévio nas discussões realizadas em sala de aula. O conhecimento prévio do aluno deve ser utilizado como ponto de partida das discussões e não como um fim do processo de ensino-aprendizagem e de construção do conhecimento. A partir disso, a compreensão do aluno deve englobar os processos constitutivos do espaço geográfico observando e entendendo a relação homem-meio.

O professor, nesse quadro, assume o papel de facilitador, orienta a seqüência dos mecanismos inerentes ao processo de ensino-aprendizagem, organiza o trabalho, demonstra técnicas, discute idéias, levanta dúvidas, avalia resultados (ALMEIDA, 1991). Concomitantemente a isso, é imprescindível que o professor tenha a perspicácia de reconhecer e compreender a capacidade cognoscitiva de seus alunos. Não restringir-se à exploração exaustiva do conteúdo, mas voltar-se para o aproveitamento daquilo que o aluno pode desenvolver em sala de aula. Essa pode ser uma forma significativa de se construir o conhecimento.

As faculdades a serem desenvolvidas pelo aluno e a serem propiciadas por técnicas utilizadas pelo docente de Geografia devem abranger a capacidade de observação, de estabelecer comparações, classificações, de fazer uma análise dos fatos e dos fenômenos, além de sintetizar tudo o que foi estudado. Para tal, a utilização das práticas pedagógicas tradicionais é, muitas vezes, insuficiente. Destarte, é necessário que o professor da disciplina escolar geográfica

não limite-se, na medida do possível, ao ambiente da sala de aula. Substituir em alguns momentos a sala, o quadro negro e o giz não são, entretanto, tentativas de fuga da responsabilidade do trabalho, mas expressões da necessidade de fazer o aluno entender que aquele conhecimento construído entre as quatro paredes transcendem, em muito, a mensuração do concreto que os localiza num espaço (SILVA e GONÇALVES, 2010, p. 04).

O aluno, por sua vez, ao dotar-se dessas faculdades, deve conseguir analisar um fenômeno geográfico em suas mais diversas escalas, partindo de uma perspectiva local até global. Por exemplo, a análise de uma atividade produtiva de um município, que pode ser feita passando pela sua importância local até uma reflexão sobre as suas conexões com as escalas regionais, nacionais, chegando a uma esfera global.

Mas, para se chegar a um processo de construção do conhecimento e de ensino-aprendizagem plausível do ponto de vista de efetivação dos fins expostos até aqui, faz necessário uma sucessão de movimentos. Um desses movimentos é o que propomos no presente artigo: o desenvolvimento e a implementação de técnicas dinamizadoras da prática pedagógica no ensino da disciplina escolar de Geografia, as quais serão explicitadas e explicadas a seguir.

METODOLOGIAS E TÉCNICAS POSSIBILITADORAS DE UMA AULA DINÂMICA

A disciplina de Geografia, nos ensino fundamental e no médio, é um componente curricular que remete a um caráter prático e vivencial, isso em virtude, principalmente, da particularidade do seu objeto de estudo, o espaço geográfico. Desse modo, é de uma imensa relevância a utilização, por parte dos docentes, de metodologias e técnicas de ensino que

dêem ênfase ao fazer, que estimulem os alunos a práticas vivenciais para entender os conceitos geográficos, para materializar as abstrações feitas durante a aula.

Embora muitos docentes advoguem pela idéia de que as práticas dinâmicas, devido às suas características mais despojadas e mais lúdicas, causam um comportamento de pouca seriedade nos estudos do corpo discente, muitos pesquisadores apontam para o aumento de rendimento dos alunos quando da utilização desses tipos de recursos. Como defendem Cabral; Salvi (2005, *apud* SANTANA), “o ser que brinca e joga é também um ser que age, pensa, aprende e se desenvolve intelectual e socialmente”. Isso decorre do fato de que práticas pedagógicas dinâmicas possuem uma maior capacidade de prender a atenção dos alunos, de envolverem-nos, resultando em um aperfeiçoamento de suas capacidades de cognição mediante um procedimento mais prazeroso.

A partir desse ponto, propomos, dentro do panorama incipiente das práticas de ensino propostas por pesquisadores, algumas atividades que auxiliem o professor de Geografia na tarefa de capacitar os alunos para a compreensão dos conteúdos e, ao mesmo tempo, tornem a aula mais dinâmica, incitando a curiosidade, fazendo do processo de ensino-aprendizagem algo mais prazeroso e efetivo. As atividades aqui elencadas são resultado da pesquisa em andamento no Núcleo de Pesquisas e Estudos Geográficos (NUPEG) do IFRN, Campus-Central.

QUIZ

Esse tipo de atividade consiste em uma competição de perguntas e respostas, na qual os alunos serão avaliados pela quantidade de respostas corretas e pelo grau de participação. Nessa atividade, os professores de Geografia podem avaliar e testar os conhecimentos construídos pelos alunos por um instrumento lúdico, após a explanação e a discussão do conteúdo em sala. A justificativa principal para a utilização desse recurso dinamizador diz respeito ao fato dele se constituir em um jogo e isso estimula a participação dos alunos, que se engajam na perspectiva de aprender para vencer a disputa.

JOGO DA MEMÓRIA

Basicamente, está atividade consiste em distribuir várias cartas emborcadas. Cada aluno desvira uma carta e procura outra que seja correspondente à primeira. Caso não tenha êxito, outro aluno terá sua vez. As cartas utilizadas na aplicação do jogo podem conter tanto imagens quanto algumas perguntas e respostas. O aluno (ou grupo) que contiver o maior número de pares vencerá o jogo.

Esse recurso vai ao encontro da idéia de não-exclusão dos procedimentos de memorização no ensino de Geografia. Estimular a atividade intelectual do aluno na tentativa de tornar a memorização, como auxílio para o aprendizado, mais fácil e mais atrativa, é um dos objetivos desse expediente (o jogo da memória). Procura-se fazer com que o aluno possuidor de um conhecimento mais generalizado possua informações específicas sobre o conteúdo, permitindo a construção de um conhecimento completo e rico em detalhes. Portanto, como já foi defendido ao longo do presente artigo, a memorização não é um problema, o problema é ficar limitado a ela.

TABULEIRO DIGITAL

Iniciando com um mapa projetado (em data-show), os alunos se dividirão em grupos (pequenos, de preferência, para que se consiga trabalhar melhor) para participarem de uma corrida de um extremo do estado até o outro, respondendo perguntas referentes às características relativas à cada cidade e/ou região. A definição das questões irá variar segundo o conteúdo que estiver sendo abordado pelo professor.

A utilização das novas tecnologias (TIC's) em ambiente escolar faz com que o aluno perceba a utilidade destas ferramentas no processo de construção do conhecimento., além disso fixa mais a sua atenção na aula. Ao mesmo tempo, esta metodologia auxilia o professor na luta diária de tornar o conteúdo algo mais agradável e interessante aos seus alunos.

MAPAS TRIDIMENSIONAIS

Esse recurso induz à materialização de noções abstratas explicadas pelo professor em sala de aula e se mostra mais eficaz do que a mera contemplação de mapas, pois estes serão produzidos pelos próprios alunos. Nessa atividade, os mapas podem ser construídos tanto virtualmente como fisicamente, este último de modo mais simples e limitado. Na construção dos mapas físicos podem ser utilizados também materiais recicláveis, diminuindo o custo aplicado na atividade.

A construção desses mapas mostra-se de grande valia, uma vez que auxilia os alunos na compreensão do relevo e outros conteúdos geográficos como: hidrografia, clima (influências das altitudes sobre este), entre outros. Mesmo que seja uma representação simbólica, a confecção e manipulação destes objetos auxiliam os alunos na consolidação do conteúdo ministrado em sala.

ÁRVORE GENEALÓGICA

Essa atividade é propícia para a otimização de aulas referentes a análises demográficas, uma vez que o objetivo desta atividade é procurar entender a dinâmica populacional a partir da vivência pessoal de cada aluno para, posteriormente, entender o processo por completo.

A aplicação desse instrumento pedagógico consiste no seguinte: cada aluno criará uma árvore genealógica partindo de si mesmo e, voltando no tempo, coletará informações como lugar de origem e data de nascimento de seus pais, avós e bisavós.

Esse tipo de atividade remete à noção de inserir as vivências dos alunos nas discussões dos conteúdos geográficos. Não basta ministrar o conteúdo alheio à vivência dos alunos e esta atividade se insere dentro do processo histórico do conhecimento geográfico, proporcionando, cada vez mais, um caráter mais atrativo para os alunos.

CARTA SOBRE A MESA

Essa prática propõe que o aluno descreva a paisagem em que vive para um amigo/parente que mora em outra cidade/região. Esta atividade busca desenvolver no aluno a capacidade de descrição da paisagem permitindo ao professor identificar a sensibilidade dos alunos pelos detalhes que compõem a paisagem, além de trabalhar com um dos conceitos basilares da ciência geográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os obstáculos encontrados pelo professor de Geografia na sala de aula são muitos e variados, mas é possível transformar tais obstáculos em pontes para um processo de ensino-aprendizagem dinâmico e bem sucedido. A verdade é que certas práticas pedagógicas ineficazes se perpetuam, muitas vezes, em virtude mais do acomodamento de certos profissionais do que de qualquer um dos outros fatores citados ao longo do presente artigo.

O comprometimento do docente com a aprendizagem efetiva dos alunos é algo indissociável da sua razão de ser enquanto profissional e agente social. Para possibilitar isso, é altamente necessário a busca de alternativas pedagógicas que visem à dinamização das práticas de ensino, ampliando, assim, a qualidade da Educação tanto pública quanto privada.

Os recursos didáticos disponíveis hoje para o professor são verdadeiros auxílios para a sua atividade, mas são apenas auxílios, e não panacéias. Por isso, o professor não pode se eximir do seu papel enquanto orientador-mor dos seus alunos.

As propostas dinamizadoras no ensino de Geografia que aqui foram apresentadas são produto de nossa pesquisa em andamento sobre a temática “Práticas dinamizadoras para o Ensino de Geografia”, a qual possui o intuito de construir um arcabouço teórico que auxilie docentes na dinamização de sua atividade profissional e na implementação de algumas destas práticas na busca de se alcançar uma melhor qualidade no ensino da disciplina escolar de geografia.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, Rosângela Doin de. **A propósito da questão teórico-metodológica sobre o ensino de Geografia**. Terra Livre. São Paulo: AGB/Editora Marco Zero, vol. 8, 1991.
2. DIB, Khalil Antônio. Muito além dos livros didáticos, do quadro e do giz: dinamização da prática pedagógica de geografia no nível fundamental: uma vivência no ensino público dos municípios do Rio de Janeiro e de Angra dos Reis, RJ. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10, São Paulo, 2005. **Anais do décimo encontro de Geógrafos da América Latina**. São Paulo: USP, 2005.
3. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
4. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30. ed. São Paulo: Paz Terra, 2004.
5. KAERCHER, Nestor André. **Quando a geografia crítica pode ser um pastel de vento**. Mercator, Ceará , v. 3, n. 6. p. 53-60. 2004.
6. KAERCHER, Nestor André; REGO, Nelson (Org.). **Geografia**: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Artmed, 2007.
7. SANTANA, Eliana Morais de. **A influência de atividades lúdicas na aprendizagem de conceitos químicos**. São Paulo: USP.
8. SILVA, Rubens Oliveira e; GONÇALVES, Francisco Ednardo. Dinamização da prática pedagógica no ensino de geografia. In: **Anais XVI Encontro Nacional de Geografia**. Disponível em: www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=3859